

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO A PARTIR DA AMBIVALÊNCIA E DA ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO: Os contos de fadas como testemunho da angústia.¹

Luísa Levate Petra²

Regina Coeli Castelo Prudente³

RESUMO:

O presente trabalho visa relacionar a teoria da angústia de separação, os contos de fadas e a clínica infantil. O texto aborda o desenvolvimento emocional da criança e as fases de separação e individuação que podem levar à angústia de separação. Além disso, tem como questionamento central se é possível que os contos de fadas sejam considerados como métodos projetivos no *setting terapêutico*, de modo que o sujeito lide melhor com o processo de separação. Sendo assim, objetiva-se com este trabalho investigar a possibilidade de os contos de fadas servirem de recurso para a angústia e separação no desenvolvimento psicoemocional infantil. Especificamente, visa a compreender o que a angústia de separação evidencia sobre a relação parental e, além disso, pretende relacionar as vivências da infância com os contos de fadas como uma ferramenta de projeção para a angústia de separação. No texto são considerados três contos de fadas, sendo eles: “João e Maria”, “Cinderela” e “Bela Adormecida”, que abordam a angústia de separação e trazem uma visão para além da sexualidade infantil. Por fim, o trabalho traz consigo conceitos psicanalíticos e teóricos de autores, como Mahler, Spitz, Betelheim, Winnicott e Cashdan que foram fundamentais para a discussão das questões levantadas. O estudo contribuiu para o entendimento dos contos de fadas como uma ferramenta que contribui para o desenvolvimento psíquico e emocional na criança e para a análise do paciente infantil, através do contexto cultural em que a criança está inserida e das projeções feitas por ela sob os contos em questão.

Palavras-chave: Angústia de separação. Psicanálise. Contos de fadas.

THE SUBJECT CONSTITUTION FROM THE ANGUISH OF SEPARATION: FAIRY TALES AS AN ANGUISH TESTIMONY

ABSTRACT:

The present article seeks to relate the theory of separation's anguish, the fairy tales and the childish clinic. The text approaches the emotional child development and the stages of separation and individuation that can lead to anguish of separation. In

¹ Trabalho de conclusão de curso, realizado como requisito básico para a conclusão do curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA), na linha de pesquisa Práticas Clínicas.

² Discente do curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Academia (UNIACADEMIA). E-mail: luisalpetra@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (2002), docente dos cursos de Psicologia e de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica: clínica e cultura, do UniAcademia - Centro Universitário Academia. Membro do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise. E-mail: reginaprudente@uniacademia.edu.br

addition has as central question if it is possible that fairy tales serve as a recourse to the anguish and the separation in the childish psicoemotional development. Specifically, seeks to understand what the anguish of separation evidence about the parental relation and also intends to relate the experiencias of childhood with fairy tales as a tool of projection for anguish of separation. In the text are considered three fairy tales, being them: “Hansel and Gretel”, “Cinderella” and “Sleeping beauty”, that approche the anguish of separation and bring a perspective beyond the childish sexuality. Finally, the paper bring with itself psychoanalytics and theoretical concepts of authors, as Mahler, Betelheim, Winnicott and Cashdan, that were fundamental for the discussion of questions raised. The study contributed for the understanding of fairy tales as a tool that contributes for the psychic and emotional development in children and for the analysis of child patient through the cultural context in which the child is set and the projections made by her under the tales in discussion.

Keywords: Anguish of separation. Psychoanalysis. Fairy tales.

1 INTRODUÇÃO

Sheldon Cashdan discorre sobre como os contos fazem as emoções virem à tona: “[...] é por isso que os contos de fada são tão cativantes. Eles não apenas entretêm, mas tocam em sentimentos poderosos que, de outra forma, talvez permaneçam escondidos” (Cashdan, 2000, p. 33). Os contos afetam os sujeitos de formas conscientes e inconscientes e trazem a cada indivíduo sua própria interpretação. O autor de “Os 7 pecados capitais nos contos de fadas” diz que os contos de fadas são as primeiras histórias que o sujeito escuta na vida, e, embora elas divirtam e encantem os ouvintes e leitores, elas também os ajudam a enfrentar os conflitos psíquicos do desenvolvimento infantil. “Os contos de fadas, além de serem aventuras mágicas, ajudam as crianças a lidarem com as lutas internas que são de sua vida diária” (Cashdan, 2000, p.25).

A psicanálise, segundo Betelheim (2022), está enraizada nos contos de fadas; aspectos como a castração, os conflitos edipianos, a inveja do pênis e os desejos inconscientes e incestuosos estão presentes em histórias como Cinderela, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e entre tantas outras. Porém, em contrapartida, Sheldon Cashdan (2000), ao retomar a autora, professora norte americana e folclorista especialista em literatura alemã e infantil, Maria Tatar (1992) afirma que é difícil que crianças pequenas enxerguem e interpretem os aspectos dos contos como sexuais. O autor concorda com a folclorista e especialista em contos de

fadas, trazendo à tona que mesmo que não se negue que crianças tem desejos sexuais inconscientes, essa não é uma preocupação relevante e urgente para elas. As preocupações que permeiam a mente das crianças estão mais ligadas ao seu lugar na família, aos seus amigos e se são suficientemente boas quanto imaginam que seus irmãos sejam do que a sexualidade em si. Elas fazem variadas interpretações dos contos que escutam ou leem, a partir de suas angústias do momento, os usando como forma de projeção dos sentimentos em algo lúdico e que as façam entender aquilo que estão sentindo.

Pode-se dizer que a angústia de separação aparece como uma das lutas e conflitos internos que a criança enfrenta, em relação a qual os contos podem servir como ferramenta dentro do *setting* terapêutico para a análise da criança. Nesse sentido, presente trabalho tem como objeto de estudo, além dos contos de fada, a teoria da angústia de separação. Ela faz parte do processo de desenvolvimento do sujeito e será vista a partir dos autores Spitz (2004) e Margaret Mahler (Mahler; Pine; Bergman, 2002), trazendo consigo fases do desenvolvimento psíquico infantil, como a ansiedade dos oito meses em Spitz e o processo de separação e individuação em Mahler, mostrando a estrutura desses conceitos na vida do sujeito.

Assim, este estudo trouxe como pergunta norteadora a seguinte questão: como os contos de fadas podem servir de ferramenta para alívio da angústia de separação infantil? Partiu-se da hipótese de que os contos de fadas podem ser considerados mecanismos de projeção para que o sujeito lide com o processo de separação. A projeção lúdica buscaria, assim, dar um melhor contorno na dimensão da angústia que o processo envolve.

Como objetivo geral o projeto investigou a possibilidade de os contos de fadas servirem de recurso para a angústia e separação no desenvolvimento psicoemocional infantil. E como objetivos específicos compreendeu o que a angústia de separação evidência sobre a relação mãe-bebê e relacionou as vivências da infância com os contos de fadas como uma ferramenta de projeção para a angústia de separação.

Frente a essas considerações, o trabalho será realizado, principalmente, a partir de contos que tratam com mais precisão sobre a angústia de separação, sendo eles: “João e Maria”, “Cinderela” e “Bela Adormecida”, que também foi visto pela ótica do filme “Malévola” (Maleficent, 2014).

2 A ANGÚSTIA DE SEPARAÇÃO E A AMBIVALÊNCIA

A psicanalista Margaret Mahler (Mahler; Pine; Bergman, 2002) se referiu ao nascimento psicológico do indivíduo como o “processo de separação-individuação”, o definindo como:

O estabelecimento do sentido do mundo real e de relação com esse mundo, particularmente no que diz respeito às experiências do próprio corpo do sujeito, e ao principal representante do mundo como a criança o experimenta, objeto primário de amor (Mahler; Pine; Bergman, 2002, p. 15).

Este processo psíquico não é finito, ou seja, reverbera por toda a vida do sujeito. Porém, suas aquisições se iniciam entre os 4 ou 5 meses e vão até os 36 meses da criança.

Vale ressaltar que as fases autista e simbiótica normais antecedem a fase de separação-individuação que é caracterizada por subfases. As subfases são: diferenciação, treinamento e reaproximação, trazendo a consolidação da individuação. Embora todas as fases e subfases que antecedem sejam importantes, o enfoque do presente trabalho é nas fases que têm a ansiedade de separação em seu processo.

Primeiramente, é preciso definir que, o bebê que teve uma vivência simbiótica ótima, com uma mãe disponível emocionalmente, terá curiosidade em explorar os estranhos mesmo vivendo a ansiedade de separação. Já a criança que não teve uma boa vivência simbiótica, poderá ter uma intensa ansiedade em relação aos estranhos. (Ribeiro, 2018).

É na subfase de diferenciação, entre 7 e 8 meses, que o bebê vai experimentar sua primeira crise em relação a ansiedade de separação. Segundo Ribeiro (2018), a criança, na ausência da mãe, volta para si entrando em um estado chamado por Mahler (Mahler, Pine e Bergman, 2002) de “baixa geral de atividade”, pois diminui o contato com o mundo externo e passa a se manter em estado de choro.

A ansiedade de separação pode ser vista novamente, com outra estruturação, no desenvolvimento infantil na subfase de reaproximação, que ocorre entre os 15 e 24 meses. A criança passa a não aceitar pessoas substitutas com facilidade mais e quer ter o domínio da mãe, caso isso não ocorra, a criança pode reagir de forma agressiva. (Ribeiro, 2018).

Em termos de definição, a separação se refere à “[...] aquisição intrapsíquica de um senso de desligamento da mãe, e, através deste, do mundo em geral” (Mahler; Pine; Bergman, 2002, p. 19). A separação física da criança e da mãe colabora com o processo de separação, mas ele está ligado ao psíquico da criança e relacionado à identificação da criança como “[...] pessoa separada” (Mahler; Pine; Bergman, 2002, p. 19).

A individuação pode ser definida como o marco da independência da criança em relação a mãe, em que ela assume suas características individuais. A separação pode ser compreendida como a saída da fusão simbiótica da criança com a mãe; contudo, é importante ressaltar que esse processo não ocorre com crianças psicóticas (Mahler; Pine; Bergman, 2002)

À vista disso, a separação-individuação vai implicar o funcionamento autônomo adquirido pela criança. Enquanto sua mãe permanece disponível a ela, a contraponto de separações traumáticas, este processo, quando normal, dá a criança o prazer de ser independente (Mahler; Pine; Bergman, 2002). Essa fase é fundamental para constituição do ego do sujeito e suas relações objetais. Foi descrita por Mahler (1955, p. 196) como um segundo nascimento: “[...] um desabrochar para fora da membrana comum simbiótica mãe-criança”.

Anterior a separação-individuação existe a ansiedade com relação a estranhos, na subfase de diferenciação, e, assim, contempla também o conceito da ansiedade dos 8 meses, descrito por Spitz e que será abordado mais à frente no texto. Pine e Bergman (2002) pontuam que este processo tem inúmeras qualidades e varia individualmente de sujeito para sujeito. A reação e ansiedade com relação a estranhos faz parte da fase de diferenciação e se caracteriza como a fase em que o bebê consegue diferenciar sua mãe de um rosto estranho e a partir disso comparar o rosto em que está tendo contato com o rosto conhecido da mãe, explorando de forma tátil e visual. Vale pontuar que a confiança básica é fundamental para o desenvolvimento saudável do bebê em relação com o estranho. Além disso, outro ponto a ser considerado é de que os bebês que reconheceram a mãe precocemente, ou seja, mais rápido do que o esperado, têm mais dificuldade em superar a separação com a mãe (Pine; Bergman, 2002)

Um caso citado por Pine e Bergman (2002), através de Mahler, é o de Peter, um garotinho que, resumidamente, saiu da fase simbiótica mais cedo, reconhecendo sua mãe antes do esperado e desenvolveu uma reação intensa a estranhos, com alta ansiedade.

A quarta fase é onde acontece a consolidação da individuação e a constância objetal. Assim, para o processo de separação-individuação a quarta subfase possui duas funções: “(1) atingir uma individualidade definida e, em certos aspectos, para toda a vida; e (2) obter um certo grau de constância objetal” (Pine; Bergman, 2002, p.115). A constância do objeto afetivo depende da maneira que a imagem da mãe é internalizada pela criança. Assim, uma imagem positiva traz à criança uma constância objetal. Em outras palavras, quando o processo de separação-individuação é desenvolvido de forma saudável, a criança passa a ter uma imagem boa da mãe de forma intrapsíquica e assim, consegue se separar sem grandes sofrimentos, pois essa imagem oferece conforto à criança quando a mãe está longe.

Em Spitz (2004), o processo de reação a estranhos é conhecido como a ansiedade de oito meses, assim, a teoria do autor se correlaciona com o processo de separação-individuação de Mahler. A ansiedade de oito meses pode ser definida como uma mudança do comportamento e do relacionamento do bebê com os outros, pois este passa a diferenciar um rosto amigo de um desconhecido. Portanto, o bebê rejeita o estranho quando ele se aproxima e sente desconforto e ansiedade. Essa fase também é conhecida como o segundo organizador psíquico como explicitam Benelli e Sagawa (2000) através da teoria de Spitz:

O segundo organizador é a ansiedade dos oito meses, quando a criança exige consolo da mãe e somente da mãe, estranhando e reagindo com choro diante de pessoas desconhecidas. Isso indica que já se estabeleceu uma diferenciação entre a mãe e as outras pessoas (Benelli; Sagawa, 2000, p. 24).

A ansiedade de oito meses pode ser vivida em outras idades, pois depende da idade mãe-bebê e do contexto que estão inseridos, além da capacidade de ambos de estabelecerem essa relação, por isso, deve-se considerar cada processo de forma individual. Assim, a ansiedade de oito meses é um sinalizador de que o objeto emocional está bem estabelecido, pois o bebê consegue diferenciar sua mãe do estranho, a reconhecendo em meio ao mundo externo (Spitz, 2004).

Outra questão que vale ressaltar na teoria de Spitz é a percepção à distância do bebê, um exemplo claro disso é a amamentação em que o bebê usa a percepção por contato (movimento de sucção, encostando o peito ou mamadeira na boca) e a percepção a distância (o olhar dele fixado ao olhar da mãe), quando o bebê “perde” o bico do peito ou da mamadeira, mas mantém o olhar fixo, passa a entender que a percepção a distância é mais segura e, por isso, é mais recompensadora para ele. Spitz acredita que é neste momento que a constância objetal começa a se originar (Spitz, 2004).

Dessa forma, percebe-se que a angústia de separação está diretamente relacionada à ansiedade de oito meses, pois vai definir se o sujeito lidou bem com a separação da figura materna ou não, já que esta está ligada ao processo, dito por Mahler, de separação e individuação.

Assim, as duas teorias podem conversar entre si, pois ambas se relacionam com a díade mãe-bebê e a angústia de separação advinda dessa relação.

Outro conceito a ser observado no presente estudo é o de ambivalência, pela ótica do psicanalista Donald Winnicott. Segundo Costa (2016), referenciando Winnicott: “o uso desse termo diz respeito à capacidade para a ambivalência como uma ‘aquisição no desenvolvimento emocional’”. (Costa, 2016, p. 13).

Assim, ainda citando Costa (2016), a ambivalência tem alguns aspectos importantes na teoria winnicottiana: precisa passar pela fusão dos potenciais agressivo e erótico, ou seja, ser alcançada; precisa de um ambiente facilitador para que seja sustentada e além disso, precisa ser tolerada. Assim, o sujeito deve ser capaz de assumir a responsabilidade por seus sentimentos, tendo um crescimento saudável e atingindo a ambivalência.

É preciso levar em consideração a agressividade, já que esta carrega consigo a ambivalência do amor e ódio, elementos que são essenciais para a construção dos relacionamentos e que dão base para o conceito de ambivalência. Segundo Costa (2016): “Winnicott afirma que em um bebê existe amor (impulsos eróticos) e ódio (impulsos destrutivos) com plena intensidade, sendo experimentados tão intensamente pelos adultos quanto pelas crianças.” (Costa, 2016, p. 15).

Sendo assim, o conceito de ambivalência será visto no capítulo 4 do presente trabalho, através dos contos de fadas. Vale ressaltar que, os termos “mãe ruim e mãe

boa” serão utilizados de forma a facilitar o entendimento do leitor, mas ainda assim, estarão interligados ao conceito Winnicottiano.

3 OS CONTOS DE FADAS E SUA FUNÇÃO TERAPÊUTICA

Pela perspectiva histórica, Perrault, no século XVII, transformou as histórias populares, que eram violentas e sexualizadas, em histórias agradáveis para a corte francesa. Dessa forma, os contos de fadas passaram a ser histórias educativas e que contribuíam para a formação e socialização das crianças. As histórias de Perrault traziam consigo uma moral a cada final e, assim, foi possível enxergar que em cada conto existiam virtudes e castigos, ou seja, o personagem sempre é recompensado se faz o bem, mas é castigado se mente ou desobedece às regras impostas (Hillesheim; Guareshi, 2006). Barbosa (1991) afirma que:

A palavra conto origina-se do latim, sendo que seu significado remete a duas dimensões: por um lado, à oralidade e, por outro, à ficcionalidade, isto é, trata-se de um relato que não tem compromisso com a realidade, utilizando-se do maravilhoso com a função de entreter e possibilitar a verbalização das dificuldades humanas (Barbosa, 1991 *apud* Hillesheim; Guareshi, 2006, p. 109).

Sob essa ótica, os contos de fadas fazem parte do desenvolvimento infantil, e assim, são estimuladores do imaginário das crianças. As histórias infantis divertem, enriquecem o vocabulário das crianças, estimulam a imaginação e funcionam como uma atividade saudável para o desenvolvimento do sujeito (Falconi; Farago, 2015). No mesmo ponto de vista, Schneider e Torossian (2009), ao referenciarem Caldin (2004) afirmam que os contos de fadas permeiam os sentimentos das crianças e permitem que elas reflitam sobre eles e acreditem que qualquer que seja o sofrimento, é passageiro. Além disso, Caldin (2004, p. 139 *apud* Schneider; Torossian, 2009) também afirma que “[...] os contos são fonte de prazer para as crianças tanto pelo ouvir quanto pela sua representação. O prazer produz alegria e a alegria é terapêutica”.

Os contos de fadas podem ser utilizados de diversas formas nos processos psicoterápicos, como por exemplo, em ateliês. Segundo Gutfreind (2004 *apud* Schneider; Torossian, 2009), crianças francesas obtiveram significativas melhoras em

seus comportamentos e em suas formas de expressar, após frequentarem os ateliês, amenizando seus transtornos de conduta e permitindo que denunciasses suas dores em relação ao que estavam vivendo. Além disso, os contos de fadas podem ser utilizados na terapia de pacientes com queixas diversas como por exemplo, crianças que tiveram que passar pelo divórcio dos pais, crianças vítimas de abusos ou doenças graves, crianças que sentem medo angustiante, sujeitos com autismo e entre outros. Contudo, Hisada (1998 *apud* Schneider; Torossian, 2009) concorda com Safra (2005 *apud* Schneider; Torossian, 2009) e Gutfreind (2003 *apud* Schneider; Torossian, 2009) no sentido de que os contos de fadas devem ser utilizados no processo psicoterápico apenas após o profissional conhecer seu paciente, pois assim já saberá sobre o desenvolvimento da criança, sua cultura e seus conflitos.

Segundo Safra (2005 *apud* Schneider; Torossian, 2009), os contos de fadas ajudam pacientes a encarar suas dificuldades e adversidades encontradas pelo caminho. Os contos de fadas também incluem os pais no processo terapêutico, já que são eles os contadores de histórias dentro de casa. Portanto, afirmam Schneider e Torossian (2009):

Os contos podem ser usados, de forma terapêutica, como mediadores entre o mundo interno e a realidade externa da criança, como dispositivos de contenção de seus aspectos psíquicos, sendo, ainda, uma possibilidade de intervenção em seu processo de desenvolvimento (Schneider; Torossian, 2009, p. 142).

Ou seja, os contos de fadas estão presentes nas situações cotidianas das crianças, em que encaram desafios e também em seus conflitos mais longos. As histórias não devem ser contadas apenas as crianças pequenas, pois as crianças maiores também precisam continuar recebendo estímulos, desenvolvendo características e habilidades como a imaginação e a observação, marcando as experiências e a ligação interna entre o mundo real e as fantasias (Falconi; Farago, 2015).

Cashdan (2000), traz à tona a teoria do eu, que enfatiza a relação das crianças e sua ligação com as pessoas que são próximas a elas. Demonstra-se então que a criança espelha o que acontece em sua vida nos contos de fadas, lutando contra as forças do eu, que são nada mais que forças enfraquecedoras da capacidade da criança de estabelecer suas relações de formas significativas. “As crianças, quando

ouvem um conto de fada, projetam inconscientemente partes delas mesmas em vários personagens das histórias, usando-os como repositórios psicológicos para elementos contraditórios do eu” (Cashdan, 2000, p. 31). As crianças poderiam ser capazes, então, de resolver suas questões internas suas relações pessoais através dos contos de fadas.

Bettelheim (2022), afirma que a criança se identifica com o herói apresentado pela história e acredita que como ele também consegue passar por seus obstáculos e desafios, sentindo tudo o que o herói sente em sua jornada. Nólío (2015) observa a estrutura dos contos e como ela é simples, pois assim cativa mais pessoas e é de fácil entendimento para as crianças. Além disso, as criaturas fantásticas e o mundo encantado também chamam a atenção das crianças, que podem através disso, usar sua imaginação para solucionar seus próprios conflitos, entre eles, a angústia de separação, tema do presente trabalho.

Portanto, em um processo terapêutico em que o terapeuta une a literatura e a psicologia, é necessário fazer com que a criança reflita entre a história contada e sua realidade no momento, para que ela possa projetar seus sentimentos, seu inconsciente e as angústias de sua vida. Um ponto significativo para que a criança seja capaz de projetar seus sentimentos nos contos de fadas é onde e quando se passam as histórias: em um lugar muito longe, num passado ainda mais distante. Assim, é possível que a criança se identifique com as histórias, mas não acredite que elas irão se tornar realidade em suas vidas, podendo então imaginar e brincar com suas próprias questões, medos, angústias e sentimentos (Nólío, 2015).

Winnicott (2019), traz em sua teoria o conceito de brincar e o simbolismo que é atribuído a ele. Ou seja, considera o brincar, a forma como a criança se comunica na análise: “[...] o terapeuta busca se comunicar com a criança e sabe que ela, de modo geral, não domina a linguagem necessária para representar as infinitas sutilezas encontradas na brincadeira por aqueles que sabem procurar.” (Winnicott, 2019, p. 71). Sobre a função do terapeuta, ainda afirma:

A psicoterapia é praticada na superposição das duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. Se o terapeuta não for capaz de brincar, então ele não é adequado ao trabalho. Se o paciente não for capaz de brincar, então alguma coisa precisa ser feita para que o paciente se torne capaz de brincar, depois disso que a psicoterapia pode começar. A razão pela qual brincar é

essencial é que é brincando que o paciente se torna criativo. (Winnicott, 2019, p. 54)

Dessa forma, observa-se que o brincar é a chave do processo terapêutico infantil, pois é através da brincadeira que a criança mostra seu interior ao terapeuta. Assim, pode-se considerar a leitura de contos no *setting* terapêutico como um brincar analítico também, já que, segundo Winnicott (2019, p. 85) “[...] a criança reúne objetos ou fenômenos da realidade externa e os coloca a serviço de uma amostra derivada da realidade interna, ou pessoal”. Em outras palavras, a criança usa a realidade externa e seus objetos, como, por exemplo, um conto para projetar sua realidade interna.

É no *setting* que o ilusionamento acontece, operando sobre a formação da subjetividade humana. Quando os contos são usados no processo analítico, eles trabalham para a melhoria da forma do paciente se comunicar (Schneider, 2008). O autor afirma que “[...] os contos e as histórias se constituem ótimo canal transicional, podendo ser utilizados como uma forma de brincar, já que, de acordo com a teoria winnicottiana, é na ação lúdica que o indivíduo cria, o que facilita o seu desenvolvimento” (Schneider, 2008, p. 113). Por fim, com a fala de Schneider:

Os contos podem ser utilizados, na sessão terapêutica, como mediadores entre o mundo interno e a realidade externa da criança, como dispositivos de contenção de seus aspectos psíquicos, sendo, ainda, uma possibilidade de intervenção em seu processo de desenvolvimento (Schneider, 2008, p. 114).

É possível concluir que os contos de fadas são uma ferramenta útil no *setting* terapêutico para comunicação do paciente por meio da ação lúdica, pois permitem o brincar como análise e ajudando em seu desenvolvimento.

4 A ANÁLISE DE ALGUNS CONTOS DE FADAS: A CLÍNICA DA SEPARAÇÃO EM QUESTÃO

A teoria da angústia de separação, a partir de Mahler e Spitz, pode ser observada em diversos contos de fadas, e, dessa maneira, é possível que estes contos auxiliem o profissional no *setting* terapêutico infantil a partir das demandas do paciente.

Sendo assim, no conto de fadas “João e Maria”, a angústia de separação foi vista através do abandono que os dois irmãos sofrem por seus cuidadores, duas vezes. Mesmo se perdendo na segunda tentativa de achar o caminho para casa, João e Maria conseguem explorar o mundo com a segurança de que terão um lugar para voltar. Sendo assim, quando os irmãos enfrentam a bruxa e solucionam seus desafios, ambos sabem que seus pais os estarão esperando, por mais que tenha havido abandono anteriormente. Além disso, João e Maria retornam à sua base de segurança e conforto levando joias e ouro para os pais, ou seja, resolvem o problema que os fez serem abandonados (Betelheim, 2022). Conforme o autor disserta a respeito de João e Maria:

[...] ao discutir João e Maria, o empenho da criança em se agarrar aos pais, mesmo tendo chegado a hora de enfrentar o mundo por conta própria, é enfatizado. [...], mas a angústia de separação e o medo de ser abandonado não está restrito a um período particular do desenvolvimento. Tais medos ocorrem em todas as idades no inconsciente, assim sendo, esse conto também tem significado e oferece encorajamento a crianças mais velhas (Betelheim, 2022, p. 24-25).

No conto de fadas da Cinderela, já é possível perceber a existência dos pais bons e pais ruins. Os pais bons seriam a base firme da criança, necessários para o desenvolvimento da individualização e da confiança básica. A função psíquica que os pais ocupam, quando é preciso, como pais ruins, se faz necessária para o desenvolvimento da criança com o mundo. Ou seja, quando a função de pais ruins é usada, eles passam a exigir tarefas que não refletem o bem-estar do filho, oscilando com a função de bons pais, gratificando os filhos quando também for necessário. Nessa ótica é possível perceber que cinderela tem seus bons pais: a mãe falecida e o pai biológico que a ama; e os pais ruins: a madrasta que a maltrata e exige dela tarefas difíceis, e o pai que apenas cumpre os desejos de sua nova esposa. Nesse contexto, observa-se que Cinderela passa pelos maus-tratos e tarefas difíceis para, ao fim da história, casar-se e possuir o seu “feliz para sempre”, após ter enfrentado o mundo e se aventurado por ele, ter ido ao baile escondida da família e conquistar o príncipe, seu futuro marido (Betelheim, 2022).

Sendo assim, no conto de fadas Cinderela, a posição da madrasta é desagregá-la da família, excluindo-a do seu núcleo familiar e fazendo-a viver separada. A angústia de separação só é possível ser amainada em Cinderela, pois

ela conta com a ajuda da fada madrinha e dos ratos. Que obturam uma fenda na relação angustiante que a madrasta coloca Cinderela. Em outras palavras, a fada madrinha é quem salva Cinderela e permite que ela experiencie os pais bons enquanto revive a angústia de separação sendo excluída do convívio familiar e experienciando a solidão.

Betelheim (2022) ainda cita que, após a criança passar pela mãe má, desenvolver sua autodeterminação e conseguir solucionar seus desafios, a mãe boa renasce para ela e substitui a mãe ruim. Cinderela, após todo seu sofrimento na história, consegue perdoar as irmãs e os pais e os leva para o castelo junto com ela, mostrando que os pais bons são mais poderosos que os ruins. Outro ponto que pode ser destacado é de que as meias-irmãs de Cinderela só experienciam a totalidade de uma mãe boa, assim, não passam pelo processo completo de individuação e se tornam dependentes da mãe, como pode ser observado, no conto original, em que a mãe manda as duas filhas se mutilarem para que o sapatinho caiba nos pés delas e ambas obedecem, sem se importarem com a dor que isso as causará. Por fim, traz-se à tona uma citação de Betelheim (2022, p. 356) sobre Cinderela e a relação parental: “O que torna a vida suportável, mesmo nas piores circunstâncias, é a imagem da mãe boa que interiorizamos, de tal modo que o desaparecimento do símbolo exterior não tem importância”.

Por fim, no conto da Bela Adormecida, a princesa é amaldiçoada e cai em sono profundo semelhante a morte, por 100 anos, assim, não permitindo seu desenvolvimento e tampouco sua modificação. Seu sono a deixa isolada do externo, dessa forma, a princesa não explora o mundo, não adquire conhecimento, mas também não tem sofrimento a ser vivenciado. “A maldição é uma benção disfarçada [...]” (Betelheim, 2022, p. 326). Ou seja, a princesa é protegida do sofrimento a partir de seu sono, atuando como uma espécie de fuga, na qual ela rejeita interação com o mundo que a cerca tal como um embotamento.

No entanto, “[...] o mundo só se torna vivo para a pessoa que, por si própria, se desperta para ele” (Betelheim, 2022, p. 324). Dessa forma, para a criança, o despertar está relacionado às relações positivas, ou seja, após passar pelos pais bons e ruins, já citados em Cinderela, a criança passa a ter uma relação definitiva com os pais bons e assim, se separa de forma saudável e pode explorar o mundo por conta própria. Além disso, a criança pequena pode perceber a Bela Adormecida despertando de seu

sono como um despertar da sua individualidade, a sua separação com a mãe (Betelheim, 2022).

Em outras palavras, é possível inferir que o conto da Bela Adormecida se refere a passagem pela ansiedade dos oito meses, pois, ela só desperta de seu sono profundo a partir do momento que, simbolicamente, aceita a entrada do estranho, em sua vida. Assim, a princesa desperta para o mundo externo, e passa a ter contato com o estranho/desconhecido, para que sua pulsão de vida seja estimulada, já que quando caiu em seu sono se invalidou para acatar a demanda do outro, trazendo à tona sua pulsão de morte. - O conceito de pulsão de vida e de morte, é citado no livro “Dicionário de psicanálise” através da definição de Freud: “De origem inconsciente e, portanto, difícil de controlar, essa compulsão leva o sujeito a se colocar repetitivamente em situações dolorosas, réplicas de experiências antigas” (Roudinesco; Flon, 1998, p. 631) - já que seu sono é causado pela maldição de Malévola. Entretanto, a partir do momento que reconhece a demanda do outro, há uma diminuição da tensão e do desconforto que o estranho a causa, fazendo com que ela acorde.

No filme “Malévola” (Maleficent 2014), a história traz diversos elementos do conto “A Bela Adormecida”, como a maldição da fada à Aurora, a raiva da fada pelo pai da princesa e os espinhos que escondem o reino. Porém, o filme traz uma nova ótica ao conto, focando em Malévola e em suas decisões. Ao longo do filme, é possível observar que apesar de ter sentido raiva de Aurora, por ser fruto do casamento entre a pessoa que ela amou (o rei) e pessoa que ele se uniu por ganância, Malévola passa a amar Aurora a medida em que ela vai crescendo, ama tanto a ponto de tentar reverter seu próprio feitiço.

A angústia de separação está presente na relação entre Aurora e Malévola, a quem a princesa chama de Fada Madrinha. É possível observar que a princesa sente desprazer e ansiedade ao ficar longe de sua Madrinha, sendo dependente dela para sobreviver. Aurora também reconhece que foi Malévola quem criou e cuidou dela, exercendo a função de uma mãe suficientemente boa, que a frustrava, a gratificava e sabia quando ir embora. (Winnicott, 2019). Um exemplo a ser citado é a cena em que a princesa, ainda criança, cai de um penhasco, pois suas tias não a observaram corretamente. É Malévola quem salva a menina da queda. Aurora, quando mais velha, reconhece sua madrinha e seus cuidados e a partir disso, deseja morar no reino dos Moors, estando mais perto de sua cuidadora.

Um ponto diferencial deste longa é a personagem que salva a princesa de seu sono profundo, ao contrário de tantas outras histórias, a princesa não é salva por um príncipe, mas pelo amor verdadeiro de uma cuidadora ao seu objeto, ou seja, Aurora é salva por Malévola, sua madrinha.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe reflexão sobre como os contos podem auxiliar no processo terapêutico infantil, levando em consideração, principalmente, a angústia de separação. Vale destacar que o trabalho considerou a estruturação neurótica, já que qualquer estrutura diferente desta tomaria outros rumos no desenvolvimento do sujeito.

De forma conclusiva, pôde-se observar no primeiro capítulo algumas fases do desenvolvimento psicoemocional pela ótica de Mahler e Spitz, considerando as fases e subfases que o sujeito vive até chegar na individuação e abordando conceitos como a constância objetal e a ansiedade dos oito meses. Assim, ao longo do capítulo foi visto como a angústia de separação e a constância objetal podem se originar e como as teorias de Mahler e Spitz podem conversar entre si.

O tema trabalhado no segundo capítulo foi a função terapêutica dos contos de fada no setting, passando brevemente por uma perspectiva histórica do surgimento dos contos de fadas e como eles ajudam no desenvolvimento infantil. Além disso, o capítulo aborda como os contos de fada podem ser trabalhados de maneiras psicoterápicas, como ajudam pacientes a enfrentarem dificuldades e como conseguem incluir os pais do paciente em seu processo terapêutico. O capítulo também traz a ótica de que os contos fazem parte do dia a dia das crianças que os leem e aborda sobre conceitos do autor psicanalítico Winnicott. E, por fim, aborda que os contos de fadas podem ser suporte emocional para as crianças e, no *setting* terapêutico, são ferramentas para projeção e análise. Além disso, foi possível observar que a angústia de separação é um processo do desenvolvimento infantil em que a criança pode se beneficiar do suporte que os contos de fadas oferecem para passar por ele de forma mais tranquila.

No último capítulo observa-se a relação entre a clínica da separação e os contos de fadas, como as histórias encantadas podem servir de instrumento projetivo

no setting e ajudar crianças em seu processo terapêutico. O capítulo aborda 3 contos que foram analisados a partir da perspectiva da angústia de separação nas relações presentes nas histórias da Bela Adormecida, Cinderela e João e Maria, servindo de ferramenta lúdica para a clínica psicanalítica infantil.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M. T. A. Por uma mitologia poética dos contos de fadas no Brasil. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 26, n.3, p. 1-167, set. 1991. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/16104>. Acesso em: 16 jun. 2023.

BENELLI, S. J.; SAGAWA, R. V. Observação da relação mãe-bebê pertencentes à classe trabalhadora durante o primeiro ano de vida. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 17, p. 22-32, dez. 2000. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2000000300003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/jJWrHjWq55BnPsSZh6F5pVf/#>. Acesso em: 20 nov. 2023.

BETELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

CALDIN, F. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [S. l.], v. 9, n. 18, p. 72–89, 2004. DOI: <https://doi.org/10.5007/1518-2924.2004v9n18p72>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p72>. Acesso em: 16 jun. 2023.

CASHDAN, S. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. 1. ed. Rio de Janeiro: Campos, 2000.

COSTA, P. F. da. O conceito de ambivalência em D.W.Winnicott. 2016. 109 p. Dissertação (Programa de Pós Graduação em Psicologia) — Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/BUOS-AQJKKK>. Acesso em: 27 nov. 2023.

FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade, Bebedouro**, Bebedouro, v. 2, n. 1, p. 85-111, 2015. Disponível em: <http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/handle/123456789/455>. Acesso em: 16 jun. 2023.

GUTFREIND, C. **O terapeuta e o lobo**: a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

GUTFREIND, C. Contos e desenvolvimento psíquico. **Revista Viver Mente & Cérebro**, [S.l.], Ano XIII, n. 142, nov. 2004.

HILLESHEIM, B.; GUARESHI, N. M. de F. Contos de fadas e infância(s). **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 31, n. 1, p. 107-126, jan./jun. 2006. ISSN 2175-6236 versão *online*. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=317227043004>. Acesso em: 16 jun. 2023.

HISADA, S. **A utilização de histórias no processo psicoterápico**: uma visão winnicottiana. Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

MAHLER, M.; PINE, F.; BERGMAN, A. **O nascimento psicológico da criança**: simbiose e Individuação. Tradução: J. A. Russo. 1. ed. São Paulo: Artmed, 2002.

MALEFICIENT. Direção: Robert Stromberg. Estados Unidos da América: Walt Disney Studios Motion Pictures, 2014. *Online* (97 min).

NÓLIO, L. **Contos de fadas**: do imaginário às fronteiras da realidade. 2015. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Pedagogia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/139575>. Acesso em: 16 de jun. 2023.

RIBEIRO, A. C. P. Das crises do desenvolvimento à patologia da psicose na primeira infância: Revisitando a teoria de Margaret Mahler. 2018. 135 p. Tese (Programa de pós graduação em Psicologia) — Universidade Federal de Juiz de Fora. Disponível em: <https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6799>. Acesso em: 27 de nov de 2023.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução: V. Ribeiro; L. Magalhães. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFRA, G. **Curando com histórias**. São Paulo: Sobornost, 2005.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, ago. 2009. ISSN 1677-1168. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2023.

SCHNEIDER, R. E. F. **Oficina de contos de fadas**: uma intervenção com crianças asmáticas, a partir do enfoque winnicottiano. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2874>. Acesso em: 16 jun. 2023

SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida**. 3. ed. Tradução: Erothildes Millan Barros da Rocha. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TATAR, M. **Off with their heads!** Fairy tales and the culture of childhood. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

WINNICOTT, D. Woods. **O brincar e a realidade**. 1. ed. Tradução: Breno Longhi. [S.l.]: Ubu Editora, 2019.